



IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

CARTAS NO JORNAL O GOVERNISTA PARAIBANO (1850): CRIAÇÃO DA CADEIRA DE DESENHO NO LICEU PARAIBANO

Kaline Gonzaga Barboza
kaline.gonzaga@hotmail.com
Maria Gêssica Romão da Silva
Fabiana Sena
(UFPB)

Resumo

Este trabalho tem como objetivo analisar as epístolas publicadas no jornal O Governista Parahybano, de 1850. Essas cartas tratam da criação de uma cadeira de desenho, no Liceu Paraibano, na província da Paraíba. Essa pesquisa de caráter histórico utilizou os Relatórios de Província como fonte para auxiliar na compreensão do surgimento/ da estrutura da cadeira de desenho. Além disso, foram utilizadas diversas fontes, como livros, teses e artigos que estabeleceram o norteammento indispensável para a elaboração deste artigo. Tal trabalho foi construído a partir da ideia, de que além deste caráter documental, as cartas se constituem como fontes de pesquisa com interesses históricos, culturais, educacionais entre outros, permitindo ao pesquisador utilizar tanto sua forma, quanto seu conteúdo. Pretende-se aqui, lançar um olhar sobre as cartas analisadas, com o intuito de verificar como se deu a criação da cadeira de desenho e saber o porquê de sua invenção. A partir desta análise, obtivemos como resultado a possibilidade da citada cadeira está ligada ao desenvolvimento da província da Paraíba.

Palavras-chave: Cadeira de Desenho. Liceu. Instituição. Jornal. Carta.

As epístolas constituem-se como fonte histórica para as diversas áreas do conhecimento, a exemplo da história da educação. Desde então, as formas e regras de escrever cartas vem se modificando de acordo com as comunidades de leitores (CHARTIER, 1999). A partir do século XVI este tipo de modalidade de escrita tomou forma devido à necessidade de uma rede de informação e de comunicação, o que pode ter sido por motivos político-administrativos ou, simplesmente, para diminuir e estreitar as distâncias e a saudade de pessoas ausentes. Gomez (2002, p.14) aponta duas questões significativas a esse respeito: Primeiro, quando afirma que “através dela [epístola] as distâncias impostas por qualquer razão tornavam-se mais toleráveis, as relações pessoais puderam manter-se vivas a mercê da confissão compartilhada”. A segunda questão é que “não só serviam para estes fins, mas também para compartilhar vivências íntimas, pessoais e até mundanas”.

Para tanto, as epístolas se constituem como fonte para resgatar o passado, se caracterizando como instrumento/recurso para a História da Educação. A carta presente nos





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

jornais “porta o traço da filiação entre a imprensa e correspondência e de origem propriamente epistolar do novo modo de comunicação de ideias e da difusão das novas invenções pelos precursores do jornalismo [possuindo uma relação estreita]” (LEBRUN-PEZERAT, 1991, p. 447) *apud* (SENA, 2012, p. 1).

Direcionando a utilização da imprensa para além da formação da cultura e mostrando-a como forma de ordenar uma cena pública que passava por transformações, Morel (2009, p.25) afirma que:

[...] o periodismo pretendia, também, marcar e ordenar uma cena pública que passava por transformações nas relações de poder que diziam respeito a amplos setores da hierarquia da sociedade, em suas dimensões políticas e sociais. A circulação de palavras-faladas, manuscritas ou impressas- não se fechava em fronteiras sociais e perpassava amplos setores da sociedade, não ficava estanque a um círculo de letrados, embora estes, também tocados por contradições e diferenças, detivessem o poder de produção e leitura direta da imprensa.

Nesta perspectiva, podemos pensar a importância da divulgação de cartas abertas nos jornais de circulação da época, nos quais, solicitações, denúncias, indagações e elogios se misturavam as demais notícias, pois era imprescindível que um maior número de pessoas tomassem consciência do valor da instrução, sendo essa uma das formas para disseminação da mesma. Então, a carta nos jornais adquire algumas vertentes como a de educar instruindo e alertar para vários aspectos, através da comunicação, como afirma Barbosa (2010, p.21): “Criam-se condições para que a troca de informações saia da esfera privada para o âmbito público. Há a necessidade política e burocrática de ampliar a comunicação para um território mais amplo e entre um maior número de pessoas”. Justificando as formas de comunicação e correspondências, através das cartas, Malatian (2009, p.196) escreve “preenchia funções definidas como educação do eu, ou interiorização de normas de convivência em determinados meios sociais”. Com isso, entendemos que estando estas publicadas nos jornais, atingia um maior número de pessoas que liam ou escutavam a leitura dos demais. Avaliando tamanha riqueza de detalhes que as cartas traziam e trazem a todos sobre uma sociedade de época, estas se tornam fontes documentais de extrema relevância para História.

Considerando as cartas como documentos que dão indícios de como funcionava a sociedade vigente, seus pormenores e contextos, visto que não eram documentos oficiais e





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

representava a escrita de si, através de subjetividade e reflexões particulares, os historiadores veem nela fragmentos ou peças-chave de um grande quebra-cabeça, pois as cartas não podem ser vistas como verdade absoluta, mas um material de apoio da reconstituição de parte de um passado. Nessa perspectiva, Gondra (2003, p.32) afirma que “a carta deve ser colocada não como objeto principal, detentora de toda verdade, ela servirá de material fértil para reflexões a respeito da história da educação”. Dauphin & Poublan (2002, p.76) fazem a relação da carta a documento dizendo que “as cartas são ditas como documentos, porém que fogem do documento oficial e do discurso construído, por isso seus signos e indícios tornam-se objetos a serem interpretados, desvelam a vida privada, o que esconde atrás da cena pública”. Estes autores, (2002 p. 82) complementam dizendo que:

[...] quando o historiador adentra nos segredos da correspondência privada ele visa principalmente compreender as razões e a lógica que presidem essas práticas de escritura e de conservação. O historiador consegue identificar e retirar os fragmentos do texto que se reportavam às noções de tempo, de espaço, de finalidade da escritura e de efeitos nos correspondentes. O signatário dá indícios de pontos de referências sobre sua maneira de entrar na matéria, sobre os movimentos e acontecimentos que intervêm durante o tempo real da escritura. Desta forma, fica clara a enorme importância do estudo e da investigação das cartas para a História.

Neste trabalho, elegemos duas epístolas que tratam da cadeira de ensino de desenho no ensino secundário, o Liceu Paraibano, publicadas no jornal *O Governista Parahybano*, de 1850. Segundo Sena, (2012, p. 3), tal periódico era:

[...] de cunho oficial, político e literato, impresso pela tipografia de José Rodrigues da Costa, localizada na rua Direita, nº 8. Publicado aos sábados, de 1850 a 1851, esse periódico compunha suas páginas com as correspondências e comunicados relativos aos interesses políticos e morais da província da Paraíba e do Brasil, dividido por duas seções, a editorial e parte oficial. Nesta tipografia também foram publicados os relatórios de província entre 1849 a 1863, tornando um veículo a serviço do Estado, pois publicou na seção oficial informações relativas ao governo imperial e da província da Paraíba, embora fosse uma tipografia privada.

Centramos, assim, o nosso olhar para o conteúdo das epístolas e para a forma que esse conteúdo foi transmitido. Nessa perspectiva, utilizamos os Relatórios de Província como fonte para nos auxiliar na compreensão do surgimento e do funcionamento da cadeira de desenho. Trazer à tona essas cartas publicadas nos jornais se faz importante, pois através delas podemos





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

nos situar em um contexto histórico diferente do nosso; bem como dos eventuais conhecimentos a que se dirige a pesquisa.

Breve histórico dos impressos na Europa, no Brasil e na Paraíba

No Império Romano se teve a notícia do primeiro periódico do mundo. Júlio César, segundo Coffani Lock (2005, p.19 e 20) baseado na experiência do colégio dos pontífices romanos que “redigiam documentos de caráter político, alguns secretos, outros públicos” que eram redigidos em uma “tábua branca denominada álbum, afixada anualmente diante da casa do seu redator”, constituindo-se assim como mural informativo, determinou a publicação de dois periódicos murais: o “*Acta Senatus*” caracterizado por ser um resumo dos debates e deliberações do Senado Romano; e o “*Acta Diurna Populi Romani*” elaborado para “levar ordens e informações oficiais ao conhecimento do povo”.

Na Idade Moderna a nova história da imprensa mundial, iniciada na Europa no século XVII, ocorreu a partir das epístolas que tiveram grande importância porque foram as precursoras dos periódicos. Com o final da Idade Média e o surgimento da Reforma Humanística, surgiu a necessidade de uma “carta relatório ou carta de notícias, [posteriormente denominado periódico], mandada a estabelecimentos comerciais e personagens de relevo pelos seus agentes e correspondentes no estrangeiro” (RIZZINI, 1988, p. 60). Este revela ainda que diante de tamanha praticidade os governos começaram a fazer estas trocas de informações, como mostra nesta passagem (1988, p. 60):

[...] e já os interesses de governos e grandes firmas se desenvolviam de modo a reclamar o recíproco conhecimento das actividades políticas e mercantis. Os descobrimentos marítimos, incorporando ao patrimônio mundial imensos e prodigiosos territórios, em que a fantasia e a cobiça viam inexauríveis tesouros extractivos, e desviando do Mediterrâneo o empório das especiarias asiáticas, convulsionou o embasamento econômico da Europa, cujo tecto espiritual estalava aos ventos revoltos da Reforma. O impermeável isolacionismo medieval, gretado na parte mais alta pela extensão humanística da cultura universitária e do ressurgimento da literatura clássica, rachou e aluiu à pressão das novas solicitações.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Observando tais publicações, as notícias que antes eram passadas por cartas e atingiam um número restrito e particular poderiam tomar uma proporção maior de leitores e com uma velocidade mais rápida, além da boa receptividade deste novo tipo de troca de informações, fez com que o jornalismo se consolidasse e se tornasse necessário na sociedade da época.

O jornalismo epistolar, quase periódico ou periódico – geralmente semanal de acordo com os ordinários – variado e indiscreto, dispondo de um público resumido, mas ávido e crescente, não necessitava senão atravessar do diletantismo ao profissionalismo para encarreira-se no seu próprio e sôfrego destino de informar mais, mais depressa e a mais gente. A epístola, escrita, não por cortesia: por obrigação; não sobre assuntos escolhidos: sobre todos, não a um destinatário-amigo: a quantos destinatários-assinantes se dispusessem a pagá-la – eis a gazeta manuscrita. (RIZZINI, 1988, p.55)

Devido à baixa instrução da população vigente, dos poucos detentores da arte de ler e escrever, mas principalmente da prática da leitura desses, fazia-se necessário que algumas pessoas tomassem a posição de divulgadores das notícias. Foi assim que surgiram os contadores de novidades, responsáveis em divulgar as notícias impressas à população, estes foram de grande importância, pois ajudaram a consolidar e propagar definitivamente a imprensa. Rizzini (1988, p. 57) fala com clareza sobre este novo “profissional” que surgia:

Desfechado pela leitura dos periódicos manuscritos nas residências e nos cafés, precipitava-se o giro das notícias nas ruas pela ação verbal dos contadores de novidades. Hoje as sucessivas edições dos jornais saciam a curiosidade; antes, ela se aplacava na corrente oral das informações lidas nas gazetas e cartas particulares ou ouvidas de pessoas autorizadas. Um novidadeiro fidedigno era o que recebia epístolas ou periódicos de fora como o conde Joachim de Lionne, presidente dos faladores das Tulherias.

No século XVIII ocorria na Europa duas importantes revoluções, a Revolução Industrial e a Revolução Francesa, ambos os países disputavam seus poderios. Entre eles estava Portugal para decidir o seu posicionamento perante o novo quadro político que se apresentava no velho mundo. Diante desta conjuntura a corte com todos os seus membros, incluindo a Família Real, clero e altos funcionários decidiram fugir para a então colônia portuguesa dita Brasil. Com a chegada da Corte Portuguesa, em 1808, houve uma transformação no cotidiano dessa colônia, entre elas a abertura dos portos para o comércio internacional, a organização das vilas em vistas a urbanização, a criações de várias instituições de ensino superior e a instalação da Imprensa Régia.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Diante desses acontecimentos, um brasileiro inteirado com as ideias capitalistas e iluministas da Inglaterra chamado Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça (1774-1823) lançou o primeiro periódico brasileiro impresso em Londres, intitulado *Correio Braziliense*, ou *Armazém Literário* em 1º de junho de 1808. Tal periódico circulou em Portugal e no Brasil de forma clandestina, pois o seu conteúdo focalizava a independência e a escravidão (SODRÉ, 1999). Este periódico trouxe aos leitores brasileiros notícias das mais diversas, a exemplo das batalhas e da derrota de Napoleão Bonaparte, o comércio nos variados países e ideias iluministas. Outro periódico que surgiu no mesmo ano foi *Gazeta do Rio de Janeiro*, o qual se deteve a publicar os atos do governo e notícias de interesses à Coroa, tendo sido impresso pela Imprensa Régia. Há a discussão entre diversos autores da área a respeito do primeiro jornal que circulou no Brasil. Alguns afirmam ser o *Correio Braziliense* e outros a *Gazeta do Rio de Janeiro*. Entretanto, ambos os periódicos apresentam suas particularidades em decorrência de seus interesses de publicação.

Vale ressaltar ainda que estes não foram os únicos periódicos publicados no Brasil, houve inúmeras tentativas de se fazer circular notícias impressas na colônia portuguesa, porém sempre esbarradas na censura da Coroa Portuguesa. Além disso, seria injusto colocar que a imprensa no Brasil surgiu em um vazio cultural, pois segundo Morel (2009, p. 165)

Apesar dos silêncios, hiatos e coerções, a imprensa portuguesa apresentou considerável diversificação em meados do século XVIII e início do século XIX. Entre 1749 1807, foram contabilizados trinta periódicos de caráter literário, musical, científico, histórico, comercial e agrícola... Além desses, existiam 15 jornais no período pombalino, sem contar os chamados jornais enciclopédicos. Tais publicações circulavam pela América portuguesa... Afinal, eram impressas em português, geradas no mesmo corpo político nacional ao qual o Brasil pertencia e, ao qual tudo indica, lidas regularmente dos dois lados do Atlântico, apesar da inexistência de prelos na América portuguesa até 1808.

A imprensa contribuiu em vários aspectos para com a sociedade constituindo como fonte expressiva, participou através dos jornais/periódicos das representações políticas, sociais, econômicas e educacionais. “Participou ativamente da vida do Brasil, sendo capaz de exercer influência, expressar posicionamentos, ajudando a construir ou a consolidar opiniões das mais diversas” (FONSECA, 2002, p. 1). Para Pallares-Burke (1998, p. 5) os periódicos seriam “poderosos instrumentos do projeto iluminista de mudar as ideias e maneiras das pessoas comuns”.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Um dos importantes periódicos da época é *Idade d'Ouro do Brasil*, que surgiu no dia 14 de maio de 1811, pela Typografia Silva Serva, na província da Bahia. De acordo com Jesus (2004), este periódico foi o primeiro privado oficial impresso no Brasil. Já a Impressão Régia lança o primeiro periódico de cunho científico, o *Patriota, Jornal Litterario, Político, Mercantil &c. do Rio de Janeiro* entre 1813 a 1814, com 18 edições caracterizando-se por sua qualidade, identidade segura, direta e coerente trazendo artigos de renomados intelectuais (FREITAS, 2006). Ele diz, ainda, que o periodismo brasileiro só se firmou mesmo, devido o melhoramento das condições políticas da década de 20 do mesmo século durante o reinado de Dom Pedro I, quando havia uma quantidade significativa de franceses no país ligados a imprensa¹, como: livreiros, tipógrafos e jornalistas e com a importação de materiais, máquinas, novas técnicas e artes para impressão tipográfica.

Como dito anteriormente, o surgimento da imprensa, no que se refere aos periódicos, se deu na Europa em meados do século XV, quando, também surgiu o primeiro jornal, na América, mais especificamente no México. Porém no Brasil só surgiu no século XIX após a chegada dos europeus. Já a imprensa periódica propriamente, nasce no século XVII e somente no século seguinte nasce nas Américas inglesas e espanholas (MOREL, 2009. p. 23). Desde então a imprensa vem sendo usada de diversas formas e para inúmeros fins a exemplo de questões políticas, administrativas, literárias, entretenimento, entre outros.

Diante da conjuntura política nacional que vivia o Brasil no século XIX, principalmente pela insatisfação da sociedade e pela “guerra” de poder instalada entre conservadores e nacionalista, além da vitória sobre materiais de expediente de difíceis aquisições à época, nascem, fecham-se e renascem tipografias por todo território nacional como em Minas, Rio Grande do Sul, Paraíba, Maranhão e Pará. Trazendo o contexto do surgimento da imprensa especificamente para a Província da Paraíba, Machado (2009), Araújo (2012) e Irineu (2005) nos apresentam como primeiro periódico editado na Paraíba *A Gazeta da Parahyba do Norte* ou *Gazeta Paraibana* (1828). O primeiro autor supracitado, (2009, p. 1), cita como aporte aos estudos referentes ao surgimento desta, o seguinte:

¹ Existiu também grande contribuição da Imprensa Feminina no Brasil. Porém, não será nosso foco de estudo. Para saber sobre a imprensa feminina consultar o artigo: A Imprensa Feminina de Eliane Vasconcellos e Ivette Maria Savelli. Disponível em: web2.cesjf.br/sites/cesjf/revistas/...de.../05_a_imprensa_feminina.pdf





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

A província da Paraíba, vinculada a Pernambuco até 1799, teve participação ativa em todos os movimentos revolucionários, inclusive na Confederação do Equador, mas somente em 1826, contou com a sua primeira tipografia enviada do Recife, que recebeu o nome de *Typographia Nacional da Parahyba*, editando seu primeiro periódico, *A Gazeta da Parahyba do Norte*.

Já Araújo (2012, p.1) e Irineu, (2005, p.6), complementam afirmando que o primeiro jornal publicado na Paraíba foi editado no dia 29 de agosto de 1826, com o nome de *Gazeta do Governo da Paraíba do Norte*. Esta acrescenta dizendo que o dito jornal era “oficial, de conteúdo político e contendo correspondências sobre este assunto”. Bahia (2009, p.66) exemplifica, ainda, outros títulos como: *O Republicano* (1831); e *O Constitucional Paraibano* (1838). Outro jornal de grande circulação, criado no século XIX, na província da Paraíba é o jornal da *Diocese- A Imprensa*, fundado em 27 de maio de 1897 por D. Adauto Aurélio de Miranda Henriques, 1º Bispo e Arcebispo do nosso Estado (Araújo, 2012, p. 1). A mesma autora (2012, p.1) acrescenta:

Este jornal teve grande aceitação por parte da opinião pública. Era um jornal corajoso e trazia editoriais belíssimos, peças opinativas e também reportagens interpretativas bastante recheadas, e para a época foi considerado um jornal maravilhoso. Além da grande aceitação, ele teve um papel relevante para nossa sociedade. Findando na década de 60.

É necessário ressaltar, neste ponto, que não era nosso foco fazer uma análise exaustiva do histórico de surgimento da imprensa. Nossa intenção era tão somente deixar claro como isso aconteceu na Europa, no Brasil e na Paraíba, antes de iniciarmos análise das cartas, encontradas nos jornais.

As cartas sobre a criação da cadeira de desenho, no lyceo parahybano

Os jornais do século XIX podem ser reconhecidos como espaços públicos, nos quais se estabelecia uma forma de comunicação e que servia como um meio para exemplar determinadas pessoas. As cartas publicadas nesses jornais podem ser consideradas, por sua vez, como instrumentos “de expressão do pensamento e um espaço ideal de debate” (PEIXINHO, 2009, p. 2830).





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

A escrita epistolar, dentro dos jornais, se caracteriza pela gama de informações que estabelece ao historiador, pois através da mesma é possível tomar conhecimento de uma época, das trocas de opiniões, dos valores e da maneira de escrita de um tempo. Segundo Cunha (2012, p. 2),

[...] a escrita epistolar interessa, sobretudo, ao historiador por estar recheada de práticas culturais de um tempo, hábitos e valores partilhados plenos de representações de época. O que interessa ao historiador é a evolução desta prática, dos usos, maneiras e modos de escrever, dos contextos em que se escreve, bem como os materiais, objetos ou signos utilizados para se escrever além do espaço social, significados e relações em que tais atos se produzem.

É nesse sentido que as cartas publicadas no jornal *O Governista Parahybano* se constituem como elementos que representam algumas das particularidades da instrução pública, no ano de 1850. Tal jornal, publicado aos sábados, abordava interesses políticos, oficiais e literatos. As duas cartas, encontradas no citado jornal e que serão analisadas neste artigo, tratam da criação de uma cadeira de desenho no Liceu Paraibano, em 1850. Esta instituição nasceu no ano 1836 com o intuito de ser a principal instituição de ensino secundário da província. Podemos ver abaixo a legislação referente à sua criação (INEP, 2004, p. 92):

Lei no 11 – de 24 de março 1836

[...] Art. 1º – Fica estabelecido nesta Cidade um Liceu, que será composto dos professores das cadeiras de Latim Francês, Retórica, Filosofia, e primeiro ano e Matemática [...]

Art. 2º – O liceu será colocado no 1o andar do edifício, em que presentemente se reúne a Assembleia Legislativa Provincial.

A primeira carta, publicada no dia 29 de junho de 1850, foi destinada ao Diretor do Liceu, solicitando a criação de uma cadeira de desenho, com o intuito de promover o desenvolvimento da província:

- Ao director do lycêo. – Cumpre que Vme. Me informe com a possível brevidade com o que lhe ocorrer sobre a necessidade de uma aula de desenho no lycêo desta cidade, necessidade, que julgo digna de consideração. visto que ella é o primeiro rudimento das bellas artes, que muito convem desenvolver e animar. (O GOVERNISTA PARAHYBANO, 29 de junho de 1850).

Inicialmente, a carta não apresenta o signatário, no entanto, podemos supor que este se trata de um membro ligado à direção da instrução pública, pois demonstra preocupação com o





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

desenvolvimento da província, quando ressalta a necessidade da aula de desenho, “*que muito convem desenvolver e animar*”. Outro ponto que importa destacar, nesta carta, é a descrição da criação da cadeira de desenho como “*primeiro rudimento das bellas artes*”. É interessante saber que o termo *belas-artes* é aplicado às artes superiores e está avesso às *artes aplicadas* ou secundárias, sendo estes, os dois tipos de classificação das artes até meados do século XIX. Dessa forma, as belas-artes estavam ligadas a nobreza, segundo o ponto de vista do período. Já as artes aplicadas, por serem exercidas por labutadores, eram declinadas (STORI e FILHO, 2012). Como contribuição sobre o ensino da arte brasileira e a influência da Academia Imperial de Belas-Artes, Pereira (2008, p. 127), diz que:

A história da arte brasileira, a partir de meados do século XIX até o seu final, é fortemente marcada pela atuação da Academia Imperial de Belas Artes que determinou, não só a sistematização do ensino artístico, como também criou uma referência estética e cultural através deste modelo, estabelecendo um novo tipo de olhar. Desenvolveu-se sob a proteção do Imperador e pela convivência direta com o poder, impondo seu programa de forma autoritária. Os ensinamentos foram formulados e dirigidos visando manter os princípios neoclássicos que, por um longo período, ditaram as bases da arte brasileira.

Encontramos, também no jornal *O Governista Parahybano*, a resolução criada no dia 28 de junho de 1850 e publicada somente em 06 de julho do mesmo ano, que estabelecia a criação da cadeira de desenho e informava ao Diretor do Liceu sobre as atribuições do professor nomeado para esta cadeira:

JUNHO 28 – Resolução – O Presidente da província --- usado pela disposição do artigo – dos estatutos de 23 de fevereiro de 1816 resolve o seguinte:

Art 1: Fica criada no lyceo desta cidade uma cadeira de Dezenho, a qual será exercida por pessoa completamente habilitada.

Art 2: O professor nomeado dará lições nas segundas, quartas e sextas- feiras de cada semana a tarde durando ellas duas horas pelo menos.

Art 3: A criação desta cadeira fica dependente de aprovação da assembleia legislativa provincial.

Art 4: Ficão resolvidas as disposições em ----

-Portaria- O Presidente da província aceitando o offerecimento feito pelo cidadão José Joaquim de Lima Junior o nomeia para reger gratuitamente a cadeira de dezenho criada no lyceo desta cidade em virtude da resolução da Presidência desta data.

- Ao director do lyceo- Remetto a Vme. --- para sua intelligência e devida execução a resolução desta data criando uma cadeira de Dezenho no lyceo a seu cargo, visto ser de reconhecida necessidade a sua existência --- do desenvolvimento da instrução da cidade. E por que o cidadão José Joaquim de Lima Junior se offereceu

2084





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

a reger a mencionada cadeira gratuitamente julguei vantajoso aceitar o seu offerecimento e por portaria desta data tenho nomeado ao mesmo José Joaquim de Lima, para o dito ---, cumprindo que Vme. O faça juramentar, e entrar em exercício, para o que esse elle apresentará Vme. reunindo a congregação marcará a hora em que devem principiar as --- dará providencias, que foram convenientes para que no dia 13 de julho próximo futuro anniversário natalício de S.--- Sereníssima Princeza D. Leopoldina tenha lugar a abertura --- aula, a que assistirá, designando Vme. --- a sala em que se deve leccionar e communicada a este Governo qualquer outra providencia, que convenha dar-se para um bom desempenho. (O GOVERNISTA PARAHYBANO, 06 de julho de 1850).

Tal resolução mencionava, ainda, a aceitação por parte do Presidente da Província de estabelecer o cidadão José Joaquim de Lima Júnior como professor colaborador desta cadeira. Além de ordenar a *congregação*, composta pelo “corpo docente e pelo Diretor do Liceu” (SENA, 2012, p.2), a responsabilidade pela hora em que iniciaria a abertura da dita aula de desenho; bem como a tomada de providências ao que for necessário para o bom desempenho da mesma.

A segunda carta, datada no dia 06 de julho de 1850 e publicada somente, no dia 18 de julho do mesmo ano, é destinada a todos os leitores do jornal e foi enviada pelo Secretário do Liceu, o Conselheiro Joaquim Bezerra de Cavalcanti. A carta mostra o anúncio da aula de desenho, avisando à população, sobre a abertura de matrícula da cadeira:

Pela directoria do lycêo desta cidade se manda fazer publico, para que chegue ao conhecimento de todos que acha-se aberta e continuara por todo anno a matricula de uma aula de Dezenho ultimamente creada no dito lycêo, cuja abertura teria lugar no dia 18 do corrente. Os que pretenderem frequental-a serão isentes de qualquer imposição. Secretaria do lycêo da cidade da Parahyba 6 de julho de 1850 – O secretario do lycêo, Conselheiro Joaquim Bezerra Cavalcanti (O GOVERNISTA PARAHYBANO, 18 de julho de 1850).

É interessante salientar que ambas as cartas utilizadas neste artigo, se enquadram nas normas e regras de escrever cartas, estabelecidas pelos Manuais de Escrever Cartas. E se tratando das publicadas no jornal *O Governista Parahybano* são classificadas como cartas de *ordem* e *informação*. Tal tipologia tem por base, *O Secretazrio Portuguez Compendiosamente*, (1801), de Francisco José Freire e o *Novo Secretário Português ou Código Espistolar*, (1860 3 ed.), de J. I. Roquette. Esta classificação pode ser entendida, como de ordem, nas cartas, quando os verbos cumprir e fazer são mencionados, como atribuição e dever do Diretor do Liceu e ainda da congregação. Já a classificação como sendo de informação, é vista quando é informado à





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

população sobre a matrícula da cadeira de desenho; bem como, quando é utilizada para avisar ao Diretor do Liceu sobre as atribuições do professor nomeado para esta cadeira.

Como forma de ilustrar o artigo, apresentamos a nota de abertura da aula de desenho, também encontrada no jornal *O Governista Parahybano*, publicada no dia 20 de julho de 1850. Nela, encontramos o discurso realizado pelo próprio professor-colaborador José Joaquim de Lima Junior, em presença do Presidente da Província, o Exm. Sr. José Vicente de Amorim Beserra:

Discurso, que por ocasião da abertura da aula de desenho no lyceeo da cidade da Parahyba do Norte recitou o cliente da mesma aula José Joaquim de Lima Junior, em presença do Exm. Sr. coronel José Vicente de Amorim Beserra, ao mérito e excelentíssimo presidente da mesma província ao memorável dia 18 de julho do anno de 1850

Illm e Exm. Sr. José Vicente de Amorim Beserra, Dignitário da Imperial ordem do cruzeiro, commendador cor da Roza, condecorado com a medalha de distinção da guerra da Independencia, bacharel em bellas lettras pela academia de Paris, coronel do 1º batalhão de artilharia a pé, e Presidente da província da Parahyba.

“Que terra é esta que s’ enfeita e veste

“Le viva Primavera, em Céu elemento?

ORIENTE

Tão efficazes foi para mim a aceitação, que V. Exe. se dignou fazer de meu fraco cabedal para leccionar a arte de desenho, que professo, no lyceo desta bela cidade, que divida é forçada mais do que obsequio voluntário o desempenho dessa tarefa. E como deixaria por tantos títulos de dar a V. Exc. que tanto se esforça pela prosperidade desta província um vivo testemunho de meus desejos. Só offerecendo-lhe meu tempo tenue presumo e minha leal coadjuvação para a grande obra que V. Exc. há começado – a illustração e prosperidade desta província - que o Grande e Magnanimo Imperador do Brasil confiou a sabedoria de V. Exe.

Se as armas, e as lettras farão as bases lidas e seguras sobre que se alevantou a gloria e o nome desses imperios que o tempo escondeo a nossos olhos debaixo das sombrias e pesadas azas dos seeus (como diz um sabio) a arte de desenho e pintura se deve a perpetuação de sua memória porque ella apresenta ainda hoje a nossos olhos toda a grandeza e brilhantismo dessas nações que associadas farão os mundos conhecidos. É inquestionável neste a arte de desenho que se ---- -- mommentos que ---- das cidades e que mostraram a lembrança ---- feitos de nossos maiores que ---- nos ---- que ---- lugares e a mesma ---- prepara um ---- que multiplica ---- narureza... ---- heróis nunca esqueceu porque os pinceis de seus ---- seus tropheos, ---- valor e melitar ---- que parece --- - nos confins da terra conhecida.

Um Miguel Angelo, um ----, um Raphael, um ----, durara sempre a ---- e nunca esqueceria ---- deste.

O primeiro in.mortalisou no mármore e no bronze a ---- um dos maiores ---- - ---- quando a Italia julgava que só existia o ----





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Muitos outros ---- memorar, e que ---- o mundo de ---- e de admiração, mas devo ser -----.

Jovens Parahybanos! Vinde a mim na ----- vos poderão -----
- que para tanto ---- ----, que farão -----.

Exm. Sr. Presidente ----- favor e ----- desta bella
província em -----.

Beija a mão de V. Exc.

Seu mais reverente ----

José Joaquim de Lima Júnior (O GOVERNISTA
PARAHYBANO, 20 de julho de 1850).

Ainda no que tange à criação da cadeira de desenho no Liceu Paraibano, em 1850, vimos à menção, a mesma, pelo Presidente da província, no relatório do citado ano, referente à instrução pública:

Este Estabelecimento, Srs, com quanto estivesse bem principiado, com tudo ressentia-se de uma falta, alias bem notável em uma Capital. Esta falta foi por mim avaliada, e creio havê-la reparado. Vós sabeis que o Dezenho é de urgente necessidade, não só para complemento de uma educação polida como por ser indispensável auxiliar das artes, mas o Lyceu da Parahyba não tinha uma Aula de Dezenho, onde a mocidade polisse sua educação, e o artista aperfeiçoasse seu talento. Em Resolução de 28 de junho do presente anno creei esta nova Cadeira no Lyceu, que principiou a ser exercida no dia 18 de julho próximo findo. O embarço me fez recordar o cumprimento dos meus dezejões, e era a falta de quota para a gratificação do professor que fosse nomeado para essa cadeira. Felizmente o presente cidadão José Joaquim de Lima Júnior, a quem eu tinha empregado como ajudante do Engenheiro n’esta Província, o que em breve vos farei ver, offereceu-se para leccionar gratuitamente, e reger a dita Cadeira. Conhecendo n’elle as habilitações precisas para perfeito desempenho de um tal magistério, acceitei o seu generoso offerecimento, e acha-se actualmente exercendo. Algumas despesas fui obriagado a fazer de utensílios necessários aquella aula; porém foram ellas tão diminutas, que quase não merecem menção. Pedi ao Exm. Presidente de Pernambuco a remessa de aguns objectos indispensáveis ao desenho, os quaes não pude aqui conseguir, e espero que se Dignará remetter-m’os, como cavalheirosamente o tem feito acerca de outras requisições minhas. Espero, Senhores, que approvareis esta creação que fiz por julgá-la conveniente à prosperidade da Província, e que a conservareis, considerando que esta é uma das Cadeiras necessárias ao Lyceo, por que interessa mas proximamente à classe industriosa (PARAÍBA, 1850, p. 14).

Os Relatórios de Província serviam na época como uma forma de prestação de contas sobre os acontecimentos da Província. O relatório de 1850, feito pelo Presidente de Província Coronel José Vicente de Amorin Beserra, mencionava a criação da cadeira de desenho como conveniente à prosperidade da Província, quando ressalta: “Espero, Senhores, que approvareis

2087





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

esta criação que fiz por julgá-la conveniente à prosperidade da Província”, mostrando mais uma vez a necessidade do estudo do desenho e das artes como apropriada ao desenvolvimento da Paraíba. Ainda é necessário destacar a criação da cadeira com a intenção de ampliar a classe industriosa na Província, quando cita: “considerando que esta é uma das Cadeiras necessárias ao Lyceo, por que interessa mas proximamente à classe industriosa”.

Podemos observar que as epístolas analisadas, no jornal *O Governista Parahybano* de 1850, trouxeram conhecimento sobre a instrução pública da época. Nessa perspectiva, através da forma e conteúdo das cartas podemos compreender a necessidade da criação da cadeira de desenho; bem como sua função para o desenvolvimento da Província.

Conclusão

Por meio do estudo das cartas publicadas no jornal *O Governista Parahybano*, de 1850, foi possível perceber as particularidades da criação da cadeira de desenho, no Liceu Paraibano. Através da forma e conteúdo das cartas, entendemos aquele momento histórico e o porquê era importante acrescentá-la as demais cadeiras de estudo do Liceu. É interessante ressaltar, mais uma vez, que segundo o Presidente de Província tal cadeira era necessária à população e “conveniente à prosperidade da Província” (PARAÍBA, 1850, p. 14).

Dessa maneira, o estudo da epistolografia se constitui, aqui, como o principal objeto de análise. Convém destacar que tais cartas coletadas nos jornais nos deram uma dimensão parcial e ainda iniciante do funcionamento da Instrução na Província da Paraíba, sabendo principalmente que este é apenas um segmento de investigação, isto é, das cartas públicas nos jornais sobre instrução.

Referências

ARAÚJO, Fátima. **Breve história da imprensa na Paraíba**. Disponível em: www.ihgp.net/pb500p.htm. Acesso em: 18 de abril de 2012.

BAHIA, Benedito Juarez. **História, jornal e técnica: história da imprensa brasileira**, Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa: 1800 – 1900**. Rio de Janeiro: Maudx, 2010.

CHATIER, Roger. **A ordem dos livros. Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Brasília: UNB, 1999.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

COFFANI LOCK, Marcos Vicente. **A notícia participativa e o reposicionamento das fontes:** Estudo de caso – São José do Rio Preto, Bauru: UEP, 2005.

CUNHA, Maria Teresa Santos. **A escrita epistolar e a história da educação.** Santa Catarina: UESC, 2012.

DAUPHIN, Cécile e POUBLAN, Daniele. Maneiras de escrever, maneiras de viver. Cartas familiares no século XIX. In BASTOS, Maria Helena Câmara et al (org.). **Destinos das letras. História, educação e escrita epistolar.** Passo Fundo: UPF, 2002.

FONSECA, Taís Nívea de Lima. **A Inconfidência Mineira e Tiradentes vistos pela Imprensa: a vitalização dos mitos (1930 – 1960).** Revista Brasileira de História. V.22 nº44. São Paulo, 2002.

FREITAS, Maria Helena. **Considerações acerca dos primeiros periódicos científicos brasileiros.** Ciência da Informação, v.35 nº3 (2006).

GOMÉZ, Antonio Castillo. Como o polvo e o camaleão se transformam: modelos e práticas epistolares na Espanha moderna. In: BASTOS, Maria Helena Câmara et al (org.). **Destinos das letras. História, educação e escrita epistolar.** Passo Fundo: UPF, 2002.

GONDRA, José. Ao correr da pena: reflexões relativas às cartas de professores do século XIX. In: MIGNOT, Ana Cristina V. e CUNHA, Maria Teresa S. **Práticas de memória docente.** São Paulo: Cortez, 2003.

INEP, Coleção Documentos da Educação Brasileira. **LEIS E REGULAMENTOS DA INSTRUÇÃO DA PARAÍBA NO PERÍODO IMPERIAL.** Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2004.

IRINEU, Anna Paula França. **Jornais e Folhetins da Paraíba do século XIX.** João Pessoa, 2005. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/jornaisefolhetins/estudos/RelatorioAnnaPaulaFrancaIrineu.pdf>. Acesso em 19 de abril de 2012.

JESUS, Paulo César Oliveira. **O Fim do Tráfico de Escravos na Imprensa Baiana (1811 – 1850).** Universidade Federal da Bahia, 2004.

MACHADO, Regina Coeli Vieira. *Imprensa (escrita) no Nordeste.* **Pesquisa Escolar Online**, Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2004 Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 19 de abril de 2012.

MALATIAN, Teresa. Cartas: narrador, registro e arquivo. In: PINSKY, Carla B. e LUCA, Tânia Regina de. **O historiador e suas fontes.** São Paulo: Contexto, 2009.

MOREL, Marcos. Os Primeiros Passos da Palavra Impressa. In NEVES, Lucia Maria B. P. das. **Livros e Impressos: Retratos do Setecentos e dos Oitocentos.** Rio de Janeiro. EduerJ, 2009.

O GOVERNISTA PARAIBANO. **Ao diretor do liceu.** Paraíba. 06 de julho de 1850.

O GOVERNISTA PARAIBANO. **Ao diretor do liceu.** Paraíba. 29 de junho de 1850.

O GOVERNISTA PARAIBANO. **Ao todos os leitores.** Paraíba. 18 de julho de 1850.

O GOVERNISTA PARAIBANO. **Discurso da abertura da cadeira de desenho.** Paraíba. 20 de julho de 1850.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. **A Imprensa como uma Empresa Educativa no Século XIX.** nº 104, p.144-161, São Paulo: USP, 1998. educa.fcc.org.br/pdf/cp/n104/n104a09.pdf. Acesso em 10 de março de 2012.

PARAHYBA DO NORTE, Província. Relatório apresentado a Assembleia Legislativa Provincial da Parahyba do Norte pelo excellentissimo presidente da província, o coronel José Vicente de Amorim Bezerra, na abertura da sessão ordinária em 2 de agosto de 1850. Parahyba, Typ. de José Rodrigues da Costa, 1850, p. 14-15.

PEIXINHO, Ana Teresa. **O epistolar como modo comunicacional da imprensa de opinião no século XIX.** In: 6º Congresso SOPCOM. 14 a 18 de abril de 2009. Disponível em: http://conferencias.ulusofona.pt/index.php/sopcom_iberico/sopcom_iberico09/schedConf/presentations?searchField=1&searchMatch=contains&search=peixinho&track=19. Acesso em 25 de abril de 2012.

PEREIRA, Sonia Gomes. **Arte Brasileira no Século XIX.** Belo Horizonte: C/ Arte, 2008.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

RIZZINI, Carlos. **O Livro, o Jornal e a Tipografia no Brasil, 1500-1822:** com um breve estudo geral sobre a informação. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1988.

SENA, Fabiana. **NOTÍCIAS SOBRE OS PROFESSORES DO LICEU PARAIBANO NO JORNAL O GOVERNISTA PARAIBANO (1850).** João Pessoa: CNPq, 2012.

SODRÉ, Nelson Werneck. **A História da Imprensa no Brasil.** Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

STORI, Noberto; FILHO, Antônio Costa Andrade. **O Ensino de Arte no Império e na República do Brasil,** São Paulo: Belle Époque, 2012.

